
EMPREENDEDORISMO E INTERDISCIPLINARIDADE: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO

**Daniel Jardim Pardini (CEPEAD-UFMG / FEAD)
Lúcia Regina Corrêa Paim (FEAD)**

Resumo

Este artigo tem o propósito de relatar a experiência da implementação de um sistema de aprendizagem em cursos de graduação que prioriza o empreendedorismo como estratégia e diferencial de ensino. O caso escolhido, mostra a metodologia pedagógica voltada para atender a missão e objetivos de uma instituição de ensino superior voltada para a formação empreendedora. O uso da ferramenta de ensino interdisciplinar permite à instituição integrar as disciplinas nas formas horizontal, correlacionando as atividades do período, e vertical elegendo um tema gerador que é desenvolvido pelos alunos no decorrer do semestre. A cultura empreendedora nos cursos de graduação surge como uma educação diferenciada. Ela pretende fortalecer a personalidade do aluno no sentido de preparar-lhe para um mercado dicotômico que demanda, ao mesmo tempo, um pensamento amplo e universal e uma individualização estimulada pela própria liberdade.

INTRODUÇÃO

Atendida pelo nome de economia do conhecimento, a nova ordem social que começou a surgir no final dos anos 60, ganhou contornos mais claros nas décadas seguintes e hoje parece ser uma realidade consentida, ainda que não consolidada. Essa nova economia constitui-se em uma intensificação do processo de transformação do sistema capitalista que, ao caminhar para uma dimensão globalizada, permeia um fenômeno de ordem tecnológica, comandado por grandes conglomerados empresariais.

Compreende-se, hoje, que o aprender a conviver e o aprender a ser podem vir a ampliar os meios de intervenção pedagógica e as possibilidades de inserção profissional e social dos cidadãos. A adição destas novas funções da aprendizagem (aprender a conviver e o aprender a ser) aprimoram o processo pedagógico e conduzem os indivíduos a gerarem formas colaborativas e cooperativas que visem a assegurar a qualidade de vida e de trabalho.

Em um mundo em que, segundo Bridges (1995), o emprego seria apenas uma moldura para um trabalho que tem de ser feito, os empregos convencionais, que envolvem carteira

assinada e outros benefícios, são considerados contingenciais. Nos moldes tradicionais, o emprego não é algo sagrado e estável que deva durar para a vida toda. Visto é que, as principais ações de mudança nas grandes empresas mundiais continuam priorizando cortes de pessoal, terceirização e diminuição da estrutura organizacional.

Diante deste cenário, tornar-se empregável pressupõe o esforço de agregar conhecimento e informação ao histórico profissional. Se por um lado a luta pela sobrevivência no emprego tem como desdobramento a competição no trabalho (alguém ganha – alguém perde), por outro, o saber conviver emerge como um instrumento de colaboração pedagógica salutar para que sejam enfrentadas e negociadas as adversidades. É neste ambiente colaborativo que podem vir a ser geradas soluções de preservação do emprego e de geração de novas oportunidades de trabalho.

Enquanto o aprender a conviver possibilita formar uma cultura colaborativa que vai ao encontro do atual modelo de economia baseada em redes (cadeias produtivas, rede, franquia, cooperativas, etc.), o aprender a ser permite que o indivíduo e os coletivos de trabalho resgatem a dignidade e apreço pela qualidade de vida. Estes são valores válidos na formação do empreendedor que desmistificam a idéia de que empreender é vencer contra tudo e contra todos.

O saber é fundamental para a adequação do perfil empreendedor. Compreender aspectos como ousadia, autoconfiança, assertividade, liderança, criatividade, satisfação pessoal e outros que permeiam o perfil empreendedor faz parte do processo de aprendizagem que envolve também a pesquisa na organização originada da ação empreendedora.

O desenvolvimento do perfil empreendedor, com base no aprender a aprender, advém, em grande parte, do abrir espaço para a criatividade. No entanto, buscar referenciais para apreender as competências, detectar os melhores conteúdos programáticos, captar a dinâmica educacional mais adequada e explorar mecanismos de ação que coloquem em ação a atividade pedagógica desejada, representam hoje o grande desafio para a formação do empreendedor nos cursos de graduação.

O fato que tem justificado bastante a adoção de atitudes proativas no aprendizado e na construção do conhecimento acadêmico é a alta competitividade advinda dos diversos cursos de graduação que vêm sendo autorizados a funcionar. Percebe-se, sobretudo entre as faculdades e fundações de ensino particulares, um acirramento competitivo para captar a grande demanda de alunos não absorvidos pelas instituições de ensino público.

Este artigo tem como propósito elucidar uma metodologia pedagógica que vem sendo implementada em uma instituição privada de ensino superior localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais. O principal diferencial do projeto pedagógico, no caso, foi priorizar a formação de empreendedores nos cursos de graduação. Na construção deste conhecimento, utiliza-se uma proposta interdisciplinar como ferramenta pedagógica de internalização do ensinamento do perfil empreendedor que norteia a missão da Faculdade.

Os tópicos a seguir tratam do objetivo do trabalho e de sua relevância, da evolução do ensino do empreendedorismo, da interdisciplinaridade enquanto instrumento de integração e conscientização acadêmica e da proposta de implementação de uma nova metodologia voltada para a formação de empreendedores em cursos de graduação.

JUSTIFICATIVAS, INDAGAÇÕES E OBJETIVOS DE UMA NOVA METODOLOGIA DE ENSINO

Entre as constatações sobre o ensino tradicional nas universidades brasileiras registra-se uma orientação altamente focada no emprego, uma cultura pedagógica voltada para valores e comportamentos e uma baixa percepção da importância das pequenas e médias empresas na economia nacional.

O modelo universitário voltado para a conquista de empregos, apesar de estar cumprindo a sua missão, parece esgotado diante das profundas alterações nas relações de trabalho e produção que o mundo moderno tem presenciado. A tendência emergente exige novos métodos de ensino, diferentes papéis para o professor e formas alternativas de interação com os alunos que possibilitem o aprimoramento do aprendizado.

Este esforço se justifica mais ainda frente a elevada competitividade entre os novos cursos de graduação. O senso de educação superior realizado pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais aponta que o ensino superior brasileiro está em franca expansão. De 1994 a 1999, o número de alunos subiu 58,5% nas instituições privadas, bem acima do crescimento verificado na rede pública. Nestas, o crescimento foi de 21,7% nas públicas federais, 30,4% nas públicas estaduais e 8,3% nas públicas municipais (Ministério da Educação, 2001).

Dentro deste contexto, diferenciação e baixo custo, as propagadas estratégias de Porter (1989), constituem-se em estratégias elementares para um posicionamento competitivo no segmento educacional de ensino superior. Tendo consciência da impossibilidade de absorver os melhores alunos ingressos nas universidades públicas, as instituições privadas optam, de um lado, por investirem em uma estrutura pedagógica de tecnologia avançada para um corpo docente mais qualificado, ou por outro, oferecer baixo custo de mensalidades aos alunos amparado por uma estrutura organizacional mais modesta.

No âmbito do município de Belo Horizonte houve uma verdadeira propagação de cursos de Administração com ênfase em várias especialidades. Frente ao aumento da densidade dos novos cursos que surgiram, a capacidade deste nicho educacional tende a se tornar quase que insustentável (Hannan e Freeman, 1989). Esta situação tem levado as instituições particulares de ensino superior a adotarem estratégias pedagógicas distintas com o intuito de atrair os novos alunos.

Quais seriam então as alternativas possíveis para a implementação de sistemas de aprendizagem que atendessem às demandas da realidade social que paira no mercado de trabalho? Neste sentido, um projeto inovador vem sendo desenvolvido por uma Faculdade localizada na capital mineira que tem como missão formar empreendedores. Segundo Kuratko e Hodgetts (1995), no processo de formação do empreendedor o estudante deve desenvolver o hábito de encontrar novas idéias. A intuição, subproduto direto do treinamento e da experiência, exerce um papel preponderante para aprimorar a criatividade necessária à ação empreendedora.

A partir daqui surgem algumas indagações do tipo: O que lecionar? É possível ensinar alguém a tornar-se empreendedor? Como fazê-lo? O empreendedor é resultado de genes favoráveis? São indagações similares àquelas feitas em relação ao gerente há 50 anos. No

entanto, o desafio agora é construir um método de ensino que alinhe a aquisição de conhecimento e a experimentação, possibilitando ao aluno a criatividade suficiente para solucionar problemas ou mesmo criar novos negócios de sucesso

Objetiva-se neste estudo descrever e analisar uma proposta de ensino que utiliza a interdisciplinaridade e o empreendedorismo como pilares pedagógicos na formação de alunos de graduação. A proposta envolve estratégias metodológicas de desenvolvimento das habilidades, dos valores e das atitudes necessárias à formação do empreendedor e das formas de ensino que aflorem aptidões como iniciativa, autoconfiança, ousadia, persistência, independência, visão estratégica e sistêmica, senso de oportunidade, eficácia, praticidade, assertividade, espírito inovador e criativo, liderança, persuasão e prazer de vender idéias.

Empreendedorismo e interdisciplinaridade

A proposta pedagógica de empreendedorismo e interdisciplinaridade, os dois pontos que nortearão este estudo, visa preparar o universitário, futuro profissional, para enfrentar os caminhos dos negócios, instigando a capacidade de análise e definição de contextos no processo de tomada de decisões.

Um pressuposto básico na implementação de qualquer projeto pedagógico é a capacitação dos educadores, no aprender a desaprender, na mudança do paradigma educacional. Só consegue absorver novas idéias e pô-las em prática quem está receptivo. Estar aberto e ter percepção sobre o que está acontecendo no mundo e no mercado de trabalho é essencial para possibilitar a participação ativa nos caminhos que levam ao conhecimento e às práticas educativas (Signoretti, 1998). No processo de mudança e condução desse novo profissional, faz-se necessário a busca de novas estratégias metodológicas e a reestruturação curricular, tendo como base a interdisciplinaridade, a visão holística do conhecimento e a abertura daqueles que vão fazer acontecer (Braga e Leite, 1999).

De acordo com Schein (1980), a mudança compõe-se de quatro etapas: percepção, mudança de atitude, mudança de comportamento e fixação do novo comportamento. A percepção é o passo inicial do processo decisório e da aprendizagem. Para gerar mudanças é fundamental ampliar o contexto perceptivo das pessoas fazendo com que estas vejam o que antigamente não enxergavam. A segunda etapa implica em descongelar padrões antigos e abandonar hábitos arraigados. Mudar de atitude é internalizar a necessidade de mudança. A manifestação da mudança ocorre quando o decidido, o aprendido ou o realizado é externalizado. Por fim, passa-se a ser vital que este novo comportamento seja fixado para que, então, o sistema adquira a capacidade de se auto-renovar, o que, de certa forma, significa perder o medo de mudar.

O grande desafio de um projeto acadêmico é a sua incorporação efetiva pelo corpo discente e docente. Pretende-se neste artigo, relatar a experiência da formação empreendedora através da interdisciplinaridade. Uma escola de Administração – ou outra escola de qualquer curso – pode não vir a ter a capacidade para ensinar a ser um empreendedor, mas pode, mediante o estudo e a averiguação em laboratório de diversas situações e realidades, criar condições e repassar técnicas àquelas pessoas que já possuem o "espírito empreendedor" e, assim, implementar seus negócios com maiores possibilidades de sucesso (Nicolescu, 1997).

O ensino do empreendedorismo

Sob a luz de Schumpeter (1984) o empreendedorismo é um agente de inovação e mudança capaz de desencadear o crescimento econômico. Isto fortalece a crença que, as comunidades, fazendo uso da atividade empreendedora, podem ter a iniciativa de liderar e coordenar o esforço no sentido do seu próprio crescimento econômico. Acredita-se ser possível alterar a curva da estagnação econômica e social induzindo atividades que gerem inovações e agreguem valores econômicos e sociais (Dollinger, 1995).

O papel do indivíduo e das organizações é cerne na construção deste dito mundo melhor. Erich Fromm, citado por Nicolescu (1997), expõe que *A principal tarefa do ser humano é dar à luz a si próprio. Tornar-se tudo aquilo de que é potencialmente capaz*. Sendo esse pensamento verdadeiro, ele vale, não apenas para o ser humano, como também para as organizações e as instituições. Elas, além de representarem símbolos para os indivíduos que delas usufruem, constituem-se no principal meio de realização dos objetivos sociais.

É tarefa das instituições de ensino superior concretizar as aspirações do futuro profissional do mercado em termos de conhecimento e preparação. Dentre suas atribuições, releva-se a busca da superação na capacitação e formação do ser social, aquele capaz de entender seu papel e, com desenvoltura, aplicar os conhecimentos das habilitações técnicas e científicas. O aprendizado e o desenvolvimento intelectual, aprimorados no curso superior, devem também estar sintonizados com as demandas mais emergentes da sociedade contribuindo assim, para a melhoria da qualidade de vida do homem.

Como então ensinar o indivíduo a inovar, aproveitar as oportunidades e converter suas idéias em benefícios sociais? O próprio significado da palavra empreender derivada, de acordo com Kuratko e Hodgetts (1995), do francês *entreprende* (aquele que empreende na administração e no gerenciamento), nos mostra a relevância de repassar ao educando as formas de transformar os fatores de produção - terra, capital e trabalho - em novos produtos e serviços.

Neste processo, o aluno, como agente de sua própria aprendizagem, é visto como cliente e como pessoa. No primeiro caso, trata-se de lhe oferecer formação técnica de qualidade, valorizada pelo mercado de trabalho e, no segundo, deve-se estar atento para não descuidar da formação do cidadão capaz de dar um retorno positivo à sociedade, esta cada vez mais necessitada de vencer os desafios originados das acentuadas desigualdades sociais.

O ensino da arte de empreender em universidades é relativamente recente. Fazendo um panorama mundial, em 1947, a Harvard Business School criou o primeiro curso sobre gerenciamento de pequenas empresas. Cinco anos após, em 1953, Peter Drucker lecionou um curso sobre empreendedorismo e inovação na New York University. Em 1956, numa conferência promovida pela University of Colorado sobre desenvolvimento de pequenos negócios, surgiu o ICBS- International Council for Small Business, a maior associação voltada para a pesquisa de empreendedorismo até então. Já em 1978, o Babson College de Boston, um dos maiores centros de formação de empreendedores no mundo, visando premiar empreendedores de “classe mundial”, instituiu a Academy of Distinguished Entrepreneurs, que se tornou um protótipo para outros prêmios, como o Entrepreneur of the Year Awards da Ernst & Young, hoje com uma versão brasileira. Pode-se dizer que houve um crescimento vertiginoso do ensino de empreendedorismo nas instituições de ensino superior nos últimos

30 anos. Só nos Estados Unidos o número de universidades que oferecem cursos na área subiu de 10 em 1967 para 1.064 em 1998. (Dolabela, 1999).

As publicações científicas na área de empreendedorismo também são recentes. Destaque para o *Journal of Small Business Management* que iniciou suas atividades em 1963; para a *Encyclopedia of Entrepreneurship*, editada por Karl Vesper, após a realização do congresso de Baylor em 1980 e para o *Journal of Business Venturing* que publica artigos científicos sobre empreendedorismo internacional, desenvolvimento de novos negócios, tecnologia e inovação.

No Brasil, percebe-se que o ensino do empreendedorismo vai deixando aos poucos sua fase embrionária e se consolidando como disciplina nos principais centros de graduação voltados para estudos administrativos. O quadro 1 demonstra uma evolução deste cenário.

Quadro 1 - O Empreendedorismo em Cursos de Graduação e Pesquisa no Brasil - 1981/1999

ANO	INSTITUIÇÃO	CURSOS
1981	<i>Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas -São Paulo</i>	<i>Curso de Especialização em Administração para Graduados</i>
1984	<i>Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas -São Paulo</i>	<i>O curso foi estendido para a graduação, sob o nome de "Criação de Novos Negócios - Formação de empreendedores"</i>
1984	<i>Universidade de São Paulo – FEA-USP</i>	<i>Criação de Empresas - curso de graduação em administração</i>
1985	<i>Universidade de São Paul -, FEA-USP-</i>	<i>Criação de Empresas e Empreendimentos de Base Tecnológica, no Programa de Pós Graduação em Administração.</i>
1989	<i>CIAGE - Centro Integrado de Gestão Empreendedora</i>	<i>Formação de empreendedores</i>
1992	<i>Universidade Federal de Santa Catarina</i>	<i>ENE - Escola de Novos Empreendedores</i>
1992	<i>Departamento de Informática da Universidade Federal de Pernambuco e Fundação de Apoio à Ciência do Estado de Pernambuco (FACEPE)</i>	<i>Criação do CESAR - Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife</i>
1993	<i>Programa Softex do CNPq-UFMG</i>	<i>Metodologia de ensino de empreendedorismo, oferecida no curso de graduação em Ciência da Computação da UFMG</i>
1995	<i>Departamento de Informática da Universidade Federal de Pernambuco e Fundação de Apoio à Ciência do Estado de</i>	<i>CESAR cria uma pré-incubadora voltada para projetos de exportação de software, que mais tarde</i>

	<i>Pernambuco (FACEPE)</i>	<i>transformou-se no Recife-Beat, inserido no Programa Softex</i>
1995	<i>Escola Federal de Engenharia de Itajubá, em Minas Gerais – EFEI</i>	<i>Criação do GEFEI- Centro Empresarial de Formação Empreendedora de Itajubá</i>
1995	<i>Universidade de Brasília ,UNB</i>	<i>Criação da Escola de Empreendedores com o apoio do SEBRAE-DF</i>
1996	<i>CESAR - Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife</i>	<i>Disciplina de ensino de empreendedorismo no curso de graduação em Ciência da Computação</i>
1996	<i>O Programa Softex, criado pelo CNPq - Sociedade Softex</i>	<i>Implantação de dois projetos: o Gênesis, na área de incubação universitária, e o Softstart, na área de ensino de empreendedorismo.</i>
1997	<i>PUC–RIO</i>	<i>Criação do Instituto Gênesis para Inovação e Ação Empreendedora</i>
1997	<i>IEL-MG, FUMSOFT, Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia e Fundação João Pinheiro e Sebrae/Minas</i>	<i>Lançamento do Programa REUNE, Rede de Ensino Universitário de Empreendedorismo</i>
1998	<i>CNI-IEL e Sebrae Nacional</i>	<i>Lançamento do Programa REUNE-Brasil, expandindo a filosofia da rede universitária de ensino de empreendedorismo para todo o país</i>
1998	<i>Capítulo Brasileiro do ICSB, International Council for Small Business</i>	<i>Programas nacionais de empreendedorismo</i>
1999	<i>Várias Instituições Brasileiras</i>	<i>Atinge-se um público de cerca de 8.000 alunos no ensino de empreendedorismo</i>

Fonte: Adaptado de Dolabela (1999), Pereira e Santos (1995), Degen (1989)

As informações acima mostram que a incorporação do empreendedorismo como disciplina nos cursos de graduação e pós-graduação é uma realidade nos principais centros acadêmicos do país. Uma proposta que pode vir a motivar a inserção pedagógica do tema na instituição educacional é o ensino interdisciplinar. Ele se efetiva através de projetos de extensão e de iniciação científica que exploram as interfaces existentes entre os diversos cursos, permitindo definir parâmetros curriculares, que aumentam o grau de otimização e interação dos discentes com a instituição. O tópico seguinte trata deste mecanismo pedagógico.

A interdisciplinaridade

O movimento da interdisciplinaridade surgiu na Europa, em especial na França e na Itália, em meados da década de 60, quando os movimentos estudantis reivindicavam um novo estatuto de universidade. Tal posicionamento foi fruto da alienação capitalista de certas ciências, que sobrepujando a Academia de questões da cotidianidade, incitava o olhar do aluno numa única, restrita e limitada direção. (Fazenda, 1995)

Diante de tal fragmentação do saber, Gusdorf apresentou à UNESCO em 1961, um projeto de pesquisa interdisciplinar para as ciências humanas, com uma forte orientação que converge diferentes áreas do conhecimento, quase que eliminando as fronteiras existentes entre as disciplinas.

Em torno dessa proposta, a UNESCO vem promovendo iniciativas rumo, não somente à interdisciplinaridade, mas também à *transdisciplinaridade*, que objetiva, através do diálogo intercultural, a abertura à singularidade e à inteireza do ser, diante de sistemas fechados de pensamento e dos desafios de nossa época, entre os quais a informática, a genética e a destruição de nossa espécie. Esta visão transdisciplinar implica em uma visão transcultural, transreligiosa, transpolítica e transnacional (Nicolescu, 1997).

Fazenda (1995) subdivide o movimento interdisciplinar em três décadas: na década de 70, busca-se uma explicitação filosófica partindo da construção epistemológica da interdisciplinaridade; nos anos 80, surgem, simultaneamente, as contradições epistemológicas decorrentes dessa construção e a busca de uma diretriz sociológica; e, finalmente, nos anos 90, vai-se tentar construir uma nova epistemologia, a própria da interdisciplinaridade, agora perseguindo um projeto antropológico. Assim sendo, nos anos 70, procurou-se uma definição da interdisciplinaridade, nos anos 80, tentou-se explicitar um método para a interdisciplinaridade e, nos anos 90, partiu-se para a construção de uma teoria da interdisciplinaridade.

A pretensão interdisciplinar, conforme Fazenda (1993), tão defendida por Piaget, contempla as interações ou reciprocidades entre ciências especializadas no interior de um sistema total sem fronteiras estáveis entre as disciplinas. Propõe-se um modelo circular em substituição à lógica linear que remonta a Descartes, e tem profundas implicações epistemológicas. Na interdisciplinaridade a complexidade dos mundos físico e social requer que as disciplinas se articulem e superem a fragmentação e o distanciamento, fazendo com que se possa conhecer melhor o todo.

Na instituição educacional, a interdisciplinaridade - conceito que resume a prática de interação entre os componentes do currículo - é uma estratégia pedagógica que assegura aos alunos a compreensão dos fenômenos naturais e sociais. Ao remeter o conhecimento aos contextos naturais e sociais de onde foi extraído e onde é aplicado, a instituição deve fornecer aos alunos as ferramentas mentais para a compreensão e para a ação.

Para fazer as disciplinas se interagirem é preciso questionar conteúdos sob várias óticas e áreas, superar conceitos prontos buscando novos saberes, complementar as áreas relacionando-as em significado e compreender os fenômenos culturais, sociais e naturais no espaço da instituição de ensino. (Fazenda, 1995)

Ne interação disciplinar o professor tem um papel crucial. Nos vários momentos da ação educativa – planejamento, realização de atividades, avaliação, replanejamento - ele é o

elemento mobilizador de um grupo que, fazendo uso de certa metodologia pedagógica, se dedica à exploração de algum conteúdo, uma matéria do currículo.

A transmissão da informação não pode ocupar sozinha o centro do processo de ensino-aprendizagem e nem pode ser tomada como único parâmetro norteador dos serviços oferecidos pela instituição de ensino. Visualizar o ensino-aprendizagem como um processo de aquisição, reelaboração ou construção é a maneira de abrir o ensinamento para o tratamento da informação, para a compreensão de conceitos e para o pensar de modo flexível e sistematizado (Cunha e Fernandes, 1979).

Como lembra Demo (1994) o conhecimento é, na prática, um processo metodológico permanente de questionamento da realidade. O professor e o aluno são os dois atores-chaves deste processo. Ambos se tornam, através de formas qualitativas e eficazes de intervenção, construtores e reconstrutores do conhecimento. A mudança nos professores e nos alunos provoca substancial revolução na instituição, que passa a ser um espaço de trabalho, resultado de um movimento de interação entre sujeitos que lidam com a informação, seguem determinada metodologia e buscam resultados significativos.

A PROPOSTA DE METODOLOGIA PEDAGÓGICA CENTRADA NA CULTURA EMPREENDEDORA

A proposta metodológica que se segue utiliza a interdisciplinaridade como ferramenta para a implementação de uma cultura pedagógica que privilegia a formação empreendedora. Este projeto está sendo implementado em uma instituição de ensino de nível superior localizada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

A metodologia tem sido aplicada nos cursos de Administração, especialização em Gestão de Negócios e Negócios Internacionais, e Turismo e Hotelaria. O trabalho integra um corpo discente e docente, de aproximadamente 900 alunos e 70 professores, em uma visão empreendedora e interdisciplinar que busca fortalecer o espírito de equipe e o comprometimento de todos com a educação diferenciada proposta pela Faculdade.

A cultura empreendedora proposta pela instituição, tem como principal objetivo habilitar profissionais para a área de gestão empresarial, preparando-os para lidar, de forma criativa e inovadora, com a constante revolução dos estilos gerenciais do mundo organizacional. Além desta proposta, o projeto pedagógico busca *a)* despertar nos alunos o interesse pela criação do próprio negócio *b)* proporcionar ao aluno a oportunidade de se colocar diante do mercado de trabalho *c)* alicerçar a nova aprendizagem embasada pelos quatro pilares de educação da UNESCO (aprender a aprender, aprender a ser; aprender a conviver, aprender a fazer) *d)* desenvolver habilidades de gestão e *e)* rever valores éticos intra e interpessoais nos negócios.

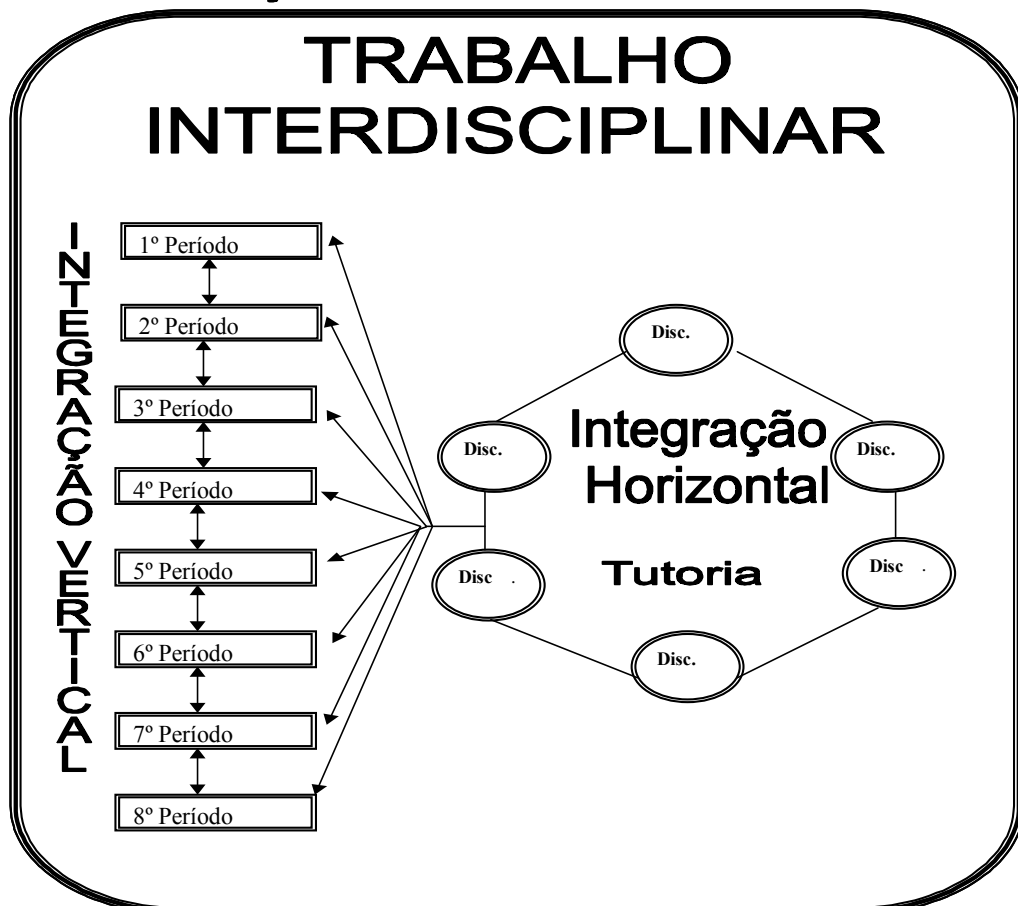
Um dos pilares da projeto pedagógico é a integração horizontal e vertical das disciplinas (ver Quadro 2). A integração horizontal se dá por meio de atividades correlacionadas no período, tais como: visitas técnicas, seminários, resenhas, estudo de casos, entre outras, fomentadas pelo coordenador de cada curso e supervisionada pela direção pedagógica. A integração vertical (sistêmica) acontece ao longo do curso entre os períodos que compõem a estrutura curricular, tendo como base um tema gerador para cada período.

Cada período de cada curso da instituição tem o seu tema gerador voltado para a disciplina chave do semestre em curso. A partir do tema gerador, os grupos de estudo desenvolvem pesquisas bibliográficas e elaboram resumos ou resenhas (como acontece nos períodos mais adiantados) definindo os grandes tópicos que comporão a fundamentação teórica do trabalho final. Neste ponto, é essencial que as atividades de aprendizagem estejam sedimentadas em estruturas de trabalho que alinhem a base teórica ao conhecimento a ser adquirido (Fiet, 2001).

A estrutura do trabalho interdisciplinar contempla também uma pesquisa de campo que gera um estudo de caso sobre o tema explorado e um capítulo específico que verse sobre a relação das demais disciplinas do período com o tema gerador. Ao final do semestre, os trabalhos são apresentados a uma banca composta por professores da Faculdade, que avaliam a parte escrita e os recursos utilizados na apresentação oral da pesquisa.

Quadro 2 – Integração horizontal e vertical no trabalho interdisciplinar

INTEGRAÇÃO HORIZONTAL E VERTICAL



No decorrer de todo processo o aluno é avaliado levando em conta as seguintes capacidades:

- trabalho em equipe (integração)
- comunicação verbal (oratória) e escrita (projeto de pesquisa)
- apresentação de idéias (criatividade)
- dimensionamento do tempo
- autonomia para aprender

Paralelo às atividades já descritas, a instituição adota projetos interdependentes como:

1. Cursos de extensão - que têm o intuito de criar a oportunidade para que a comunidade acadêmica e a sociedade como um todo tenham acesso a cursos voltados para criação de novos negócios, gestão de pequenos negócios e aprofundamento das disciplinas, em qualquer área de atuação visando ainda ao enriquecimento do currículo.
2. Serviço de tutoria - sistema de orientação dada às equipes de alunos, nos seus respectivos períodos, por um professor “tutor”, preferencialmente aquele que conduz a disciplina geradora do tema do período.
3. Visitas técnicas, seminários e palestras - realizadas durante o semestre de acordo com a necessidade de cada disciplina/período e curso.
4. Grupo permanente de estudos sobre o empreendedorismo.
5. Fórum de empresas/empresários parceiros da Instituição, com participação dos alunos e professores.
6. Feira de negócios - evento realizado sistematicamente com o intuito de oportunizar aos alunos empreendedores um espaço onde possam expor, para a comunidade acadêmica e a sociedade como um todo, as suas idéias de empresas, bem como, as suas empresas já criadas.
7. Incubadora de negócios que tem a finalidade de receber, para julgamento, as propostas de “empresas” que certamente surgirão do trabalho de pesquisa acadêmica interdisciplinar.
8. O prêmio iniciativa empreendedora que tem o intuito de possibilitar que a comunidade acadêmica como um todo, possa ter a oportunidade de apresentar suas idéias de “empresas” a uma comissão, visando a elaboração de um plano de negócios.

Nota-se que a instituição tem uma forte propensão em internalizar o diferencial de ensino, altamente orientado para a promoção de atividades de formação empreendedora, utilizando um ferramental didático que lhe permite desenvolver temas atuais concernentes à interação das disciplinas de cada período letivo.

Uma pesquisa realizada ao final do segundo semestre de 2000, junto a 300 alunos dos diversos períodos dos três cursos da instituição, demonstra os níveis de satisfação e aprendizagem do corpo discente. Quanto à participação no trabalho interdisciplinar de 2000,

81,6 % dos alunos entrevistados disseram ter sido intensa; 11,4 % disseram ter tido uma participação moderada, e 7% responderam terem participado pouco do trabalho.

Quanto às habilidades desenvolvidas, conforme demonstrado na Tabela 1, o senso para a pesquisa, a organização e a criatividade foram as habilidades mais assimiladas pelos alunos.

Tabela 1 - Habilidades desenvolvidas no trabalho interdisciplinar de 2000

Habilidades desenvolvidas	Respostas da amostra de 300 alunos
Pesquisa	262
Organização	234
Criatividade	214
Análise	182
Interpretação	180
Interação	169
Síntese	146
Redação	146
Expressão	145
Julgamento	81
Seleção	81

Quanto aos pontos fortes do trabalho, 52,3% do total de alunos entrevistados disseram ter sido o desenvolvimento pessoal, 48% responderam ter sido a formação de equipes, 37,5% disseram ser a prática empreendedora. Foram apontados como pontos fracos: a organização do tempo (33%), a necessidade de uma banca examinadora mais consistente (10,3%) e equipamentos e tecnologia para uso dos alunos (9%).

CONCLUSÃO

O ensino de empreendedorismo no Brasil é um fenômeno recente, em que se questiona: pode alguém aprender a ser empreendedor? Num século dominado pelo paradigma do emprego, é natural que esta pergunta houvesse emergido há apenas vinte anos, quando o empreendedorismo passou a fazer parte da grade curricular acadêmica. Assim como Fayol mostrou ser possível ensinar os princípios da administração, a arte de empreender deixou de ser considerada um dom e hoje o empreendedorismo é uma disciplina que apresenta modelos, processos, base teórica, estudos de caso e um alto nível de convergência interdisciplinar. A relevância da habilidade de empreender permite que o tema seja propagado e ensinado em outras áreas de formação profissional que exijam a capacidade de criação e de ajustes frente às mudanças aceleradas do ambiente.

Hoje a economia mundial opera com novos padrões de relações de trabalho, onde a estabilidade profissional se posiciona longe da realidade encontrada no mercado. Isto induz a repensar a cultura das instituições de ensino superior que formam o profissional que enfrentará este mercado. Os desafios dizem respeito, não só às mudanças de metodologia de ensino, mas também à conscientização dos corpo discente e docente que o melhor método de

aprendizagem a ser adotado pressupõe o comprometimento e integração de todos. A interdisciplinaridade aqui, enquanto técnica pedagógica de convergência de conhecimentos, pode vir a ser um instrumental eficiente no processo de formação superior.

Ela possibilita ao graduando, no decorrer de sua formação, pesquisar temas ligados às disciplinas centrais de cada período e associar o conteúdo programático das demais disciplinas em um grande projeto científico semestral. Esta estrutura pedagógica facilita a inserção de uma base filosófica que a instituição de ensino queira impor no seu processo educacional. No caso específico deste artigo a proposta educacional tem como pano de fundo a formação do aluno empreendedor.

Pode-se afirmar, no entanto, que a viabilidade de um projeto desta natureza é maior em instituições de ensino privado, uma vez que, a flexibilidade de mudança dos processos organizacionais é bem mais rápida do que nas universidades públicas. Mesmo possuindo os melhores alunos, professores e centros de pesquisa do país, os procedimentos burocráticos nas universidades estaduais e federais ainda prolongam a inserção de temas e disciplinas emergentes na grade curricular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, A. M., LEITE, D. **Pedagogia universitária: conhecimento, ética e política** no ensino superior. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

BRIDGES, W. **Um mundo sem empregos** – Jobshift. São Paulo: Makron Books, 1995.

CUNHA, M. I., FERNANDES, C. M. B. **Projetos: uma abordagem para o planejamento de Supervisão Pedagógica a nível de 3º grau**. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional de Supervisores de Educação, Curitiba, Paraná, 1979.

DEGEN, R. J. **O empreendedor** – fundamentos da iniciativa empresarial. McGraw-Hill: São Paulo, 1989.

DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento** - Metodologia científica no caminho de Habermas. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1994.

DOLABELA F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DOLLINGER, M. J.. **Entrepreneurship: strategies and resources**. Indiana University: Austen Press e Irwin, Inc., 1995.

FAZENDA I.C.A **Interdisciplinaridade**, um projeto em parceria. São Paulo: Edições Loyola, , 1995.

_____. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**. São Paulo: Edições Loyola, , 1993.

FIET, J. O Executive Forum – The Pedagogical Side of Entrepreneurship Theory. **Journal of Business Venturing**. V.16, N.2, march, 2001.

HANNAN, M. T., FREEMAN, J., **Ecologia organizacional**. Boston, Harvard University Press, 1989.

KURATKO, D. HODGETTS R.M. **Entrepreneurship** – A contemporary approach. Orlando: The Dryden Press, 3 ed., 1995.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, **Censo do ensino superior**: informações coletadas no site <http://www.mec.gov.br>, 2001.

NICOLESCU, B. **Projeto Cired-Unesco**: evolução transdisciplinar da universidade, 1997, informações coletadas no site <http://www.cetrans.futuro.usp.br>.

PEREIRA, H.J. SANTOS S.A **Criando seu próprio negócio**. Ed. Sebrae, 1995.

PORTER, M.E. **Vantagem Competitiva**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro : Zahar, 1984.

SHEIN, E. **Organizational psychology**. New Jersey: Prentice Hall, 1980.

SIGNORETTI M. S., **Flexibilidade**: o caminho da transformação, Belo Horizonte : Metaconsultoria, 1998.